SALÁRIO E CONDIÇÕES DE TRABALHO CONTINUAM A ATRAIR JOVENS

Brexit não trava enfermeiros

EMIGRAÇÃO Os pedidos de contratação de recém-licenciados continuam a chegar a Castelo Branco e há equipas no Reino Unido onde metade dos elementos estudaram na Esald.

José Furtado
jose.furtado@reconquista.pt

FOTO FACEBOOK

Ricardo Gomes está em Inglaterra com outros colegas da Esald

A notícia caiu que nem uma bomba a 23 de junho. O Reino Unido foi a votos para decidir se deixava ou ficava na União Europeia e a maioria dos eleitores apontou a porta de saída. As consequências do Brexit não se resumem à ilha e estão a ser acompanhadas atentamente também em Castelo Branco, em especial na Escola Superior de Saúde Dr. Lopes Dias, a Esald. A enfermagem é a profissão que mais tem exportado profissionais para o Reino Unido e a escola do Instituto Politécnico de Castelo Branco continua a receber pedidos nesse sentido. O último chegou três dias após o referendo e é para um hospital universitário a 45 minutos do centro de Londres.

Paula Sapeta, a diretora da escola, confirma que a grande maioria dos seus alunos está a emigrar para o Reino Unido. "Eu diria que metade de cada turma vai para Inglaterra e há equipas em hospitais ingleses em que metade da equipa é nossa". Os que emigraram "estão muito bem profissionalmente, até porque eu vou mantendo contacto com todos".

O Brexit não arrefeceu a procura e há convites para os recém-licenciados deste mês irem para o país. Quanto aos que lá estão "já lhes garantiram que não vão sair, que precisam muito deles". As condições de trabalho são melhores e o salário também.

"Os enfermeiros não estão a ser bem tratados em Portugal e há muita necessidade. Os rácios estão por metade e os enfermeiros estão esgotados", lamenta Paula Sapeta. A procura de profissionais portugueses não é um exclusivo inglês. "Temos pedidos para Bruxelas e para o norte da Europa. E não estão a ir só os recém-licenciados mas também os especialistas. Estamos a sangrar o Sistema Nacional de Saúde".

O anúncio de recrutamento partilhado na página oficial da Esald no Facebook teve o primeiro comentário poucos minutos depois e com origem no Reino Unido. "Acrescento que já somos alguns ex-alunos da Esald a trabalhar neste hospital. Estaremos mais que de braços abertos para vos receber" é a mensagem. O autor é Ricardo Gomes, de 24 anos, natural da Covilhã e formado em enfermagem pela escola albicastrense. Com ele está Tatiana Correia, a namorada e colega de trabalho.

Quando se licenciou, Ricardo procurou emprego na sua área no distrito de Castelo Branco mas o melhor que arranjou foi um contrato a tempo parcial para uma empresa que prestava serviço de enfermagem numa prisão. O salário: seis euros por hora a recibos verdes.

Em abril de 2013 voaram para a Inglaterra, com destino ao Hospital Luton and Dunstable. "Viemos com casa garantida na residência do hospital e emprego garantido com contrato sem termo". Os dois têm experimentado vários serviços e Tatiana é já enfermeira subchefe.

"Conseguimos poupar mensalmente muito e sem grande esforço. Já fizemos mais em dois anos do que o que conseguiríamos fazer em 10 anos a receber o ordenado de um enfermeiro em Portugal". Para além disso há cursos pagos pelo hospital e dentro do horário de trabalho. "Também nos é feita uma evolução de carreira anual, sendo o nosso ordenado aumentado também anualmente", diz Ricardo Gomes.

O referendo começou por passar um pouco ao lado do grupo "embora conseguimos notar muito uma posição daqueles que defendiam grandemente que a Inglaterra deveria sair da União Europeia". Com a aproximação da ida às urnas começou a ser tema de conversa mas nem entre os ingleses havia uma certeza quanto às consequências, acredita o jovem.

"Recebemos em casa um cartão para nos inscrevermos para podermos votar, mas nunca da parte do governo houve explicações do que aconteceria". Também ainda não sentiram necessidade de contactar os serviços consulares.

"Sabemos que como empregados do Serviço Nacional de Saúde (NHS na sigla inglesa) não nos poderão fazer tantas exigências, pois sem emigrantes a trabalhar neste serviço ele não funcionará. Para já é tudo uma incógnita". Paula Sapeta é da mesma opinião e sustenta a opinião nos pedidos que continuam a chegar deste país.

Quanto à reação da população, Ricardo e o resto do grupo ainda não sentiram animosidade. "Temos pessoas que nos pediram desculpa pelo que aconteceu. Houve pessoas que nos disseram que nos iam apoiar em tudo o que acontecesse. Houve também aqueles que comemoraram a saída mas muito pacificamente. Ainda não presenciei nenhum ato menos próprio para comigo ou os meus neste tema, embora tenha conhecimento de atos de racismo e violência noutros pontos do país".

DINA MARTINS VIVE EM LONDRES

"Senti pela primeira vez que não era bem-vinda"

Dina Martins é natural de Penamacor e está em Inglaterra desde março de 2013. Chegou para fazer um estágio profissional e foi ficando. Com Olga Cruchinho abriu há três anos uma loja de produtos portugueses, chamada "A Portuguese Love Affair".

As duas portuguesas acompanharam os primeiros tempos do referendo sem grande preocupação mas com o aproximar da data e o crescimento do sair começaram a sentir alguma tensão. Isso aconteceu quando os adeptos do sim viraram o discurso contra os emigrantes.

"Ainda antes do referendo tivemos um vizinho, nos seus 70 anos (a geração responsável por esta saída) a dizer "vêm para aqui, roubar os nossos trabalhos". E quando pelo nosso ar de admiração percebeu que não estávamos a gostar da conversa, emendou e disse "quer dizer, eu não estou a falar dos portugueses, nós gostamos de portugueses, estou a falar dos outros, e é lá em cima no norte, não em Londres". Dina Martins sentiu pela primeira vez "que não era bem-vinda e nós estamos em Londres, onde a maioria votou para ficar".